

# TECENDO ENLACES ESCOLARES ATRAVÉS DO ATO DE NARRAR: A ESCUTA ÀS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM MEIO AO DISTANCIAMENTO SOCIAL

## BONDING SCHOOL TIES THROUGH THE ACT OF NARRATING: THE LISTENING TO HIGH SCHOOL STUDENTS IN THE MIDDLE OF THE SOCIAL DISTANCING

Lisiane Ligia Mella 1

Franciele Fátima Talian 2

Roberta Aparecida Borges Brito Dalpaz 3

**Resumo:** Este estudo compõe um relato de experiência tecida junto às estudantes de Ensino Médio da região sul do Brasil em meio à pandemia do coronavírus. Buscou-se, através de Rodas de Conversa virtuais, meios para encontrar possíveis traduções à complexa experiência de atravessar a pandemia de Covid-19 no ano de 2020. A dimensão narrativa configura-se como uma forma de insistência no diálogo e na construção de coletivos que se sustentem, mesmo à distância. A ação partiu de demanda da coordenação escolar, com vistas à promoção de escuta e partilha dos estudantes das turmas de primeira, segunda e terceira série sobre a vivência pandêmica. As Rodas de Conversa representaram uma busca para elaboração coletiva das distintas frustrações e alternativas ante a sensação de perda do fio condutor que enlaça o si mesmo, o outro e o devir, promovendo significações e olhares de alteridade pela incorporação da fala, da escrita e da sensibilidade.

**Palavras-chave:** Narrativa. Enlace Social. Ensino Médio. Pandemia. Estudantes.

**Abstract:** This study is an experience report developed with high school students from the southern region of Brazil in the middle of the coronavirus pandemic. Through virtual Talking Circles, it was searched for ways to find possible translations to the complex experience of going through the pandemic of Covid-19 in the year 2020. The narrative dimension is configured as a way of insisting on dialogue and building communities that can be sustained, even at distances. The initiative came from a school coordination demand, aiming to promote the listening and the sharing of the students of the first, second, and third grade classes about the pandemic experience. The Talking Circles represented a search for collective elaboration of the different frustrations and alternatives in face of the feeling of loss of the connecting thread that ties the self, the other, and the becoming, promoting meanings and perspectives of alterity through the incorporation of speaking, writing, and sensibility.

**Keywords:** Narrative. Social Bonding. High school. Pandemic. Students.

- 1 Doutoranda em Educação (pela Universidade de Passo Fundo (UPF)). Mestre em Educação pela (UPF). Graduação em Psicologia pela (UPF). Atualmente é professora no Centro de Ensino Médio Integrado UPF. Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1879590519890111>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4747-0996>. E-mail: [lisiane.mella@upf.br](mailto:lisiane.mella@upf.br)
- 2 Pós graduada em Educação Infantil: Currículo e Infância pela (UPF). Graduada em Pedagogia (pela UPF). Atualmente é professora na Rede Municipal de Passo Fundo, atuando na Educação Infantil e Anos Iniciais. Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0455928208220296>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0634-7406>. E-mail: [talianfra@gmail.com](mailto:talianfra@gmail.com)
- 3 Graduada em Pedagogia pela (UPF). Especialista em Arteterapia pela (UPF). Mestranda em Educação pela (UFRGS). Atualmente é professora dos Anos Iniciais na rede privada de Passo Fundo. Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2521-0912>.  
Lattes <http://lattes.cnpq.br/8775854950900193>. E-mail: [robertadalpaz@gmail.com](mailto:robertadalpaz@gmail.com)

## Enlaces iniciais: uma aposta narrativa

Precisarei com esforço traduzir sinais de telégrafo - traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço, e sem sequer entender para que valem os sinais. Falarei nessa linguagem sonâmbula que se eu estivesse acordada não seria linguagem. Até criar a verdade do que me aconteceu (LISPECTOR, 2020, p. 19).

Abrimos esse relato de experiência buscando tecer significações possíveis sobre os efeitos que a pandemia do novo coronavírus tem produzido no laço social contemporâneo, diante de uma travessia que, desde março de 2020, vem colocando em suspensão a ideia de inexorabilidade que muitas vezes embala o olhar no tocante ao futuro. Acompanhamos um cenário devastado que ainda se verte em rastros de medo e angústia. Para centenas de milhares de pessoas não haverá um amanhã, suspendendo sonhos, futuros, horizontes e vozes capazes de romper o silenciamento, o desamparo, o luto. Diante de tantas perdas sem luto, a ansiedade e a depressão tem sido sintomas que se colocaram em evidência com maior intensidade no percurso de pandemia, muito embora tais significantes não sejam novidades nas formas de enlaces contemporâneos.

Como lembra Maria Rita Kehl (2015), as depressões se encarnam como o mal-estar de nossa época, apontando para o fracasso do indivíduo em corresponder a ideais civilizatórios que exigem a felicidade como uma permanente performance subjetiva. Assim sendo, em que medida se torna possível visibilizar e legitimar a tristeza, a solidão, a frustração, o desconsolo, a procrastinação e o desânimo rebentados pela pandemia? Os psicanalistas Roberto Calazans e Christiane Matozinho (2021) referem que, pelo ideal normatizador de nossa sociedade atual, o sofrimento em suas múltiplas expressões precisa se transmutar em depressão, a fim de que todos possamos seguir na corrida contra o tempo do solitário e sintomático mundo neoliberal.

É nesse contexto que abrimos espaço para reflexionar o campo educacional contemporâneo e, mais especificamente, a instituição escola na pandemia e o olhar aos estudantes em sua singularidade. No âmbito educacional formal brasileiro, em março de 2020 as escolas foram convocadas a alterar a configuração que até então sustentava seu enlace social. A comunidade escolar foi impelida a encontrar um espaço concebível dentro de seus lares para tecer alguma possibilidade de continuidade de laço, mesmo à distância.

Testemunhamos, aí, a interrupção das aulas presenciais para todos os níveis de ensino, sem previsão de retorno diante do alto grau de transmissão e de mortalidade da doença, sem vacina e sem medicação comprovadamente eficaz para o combate do novo vírus, tornando inviável a continuidade na presencialidade. Entraram em cena o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação e, com elas, o debate acerca das condições e possibilidades de acesso de estudantes às tecnologias, principalmente àqueles pertencentes à territórios periféricos, e/ou em situação de vulnerabilidade.

Em meio a esse complexo cenário, introduzimos aqui a seguinte questão: quais são as formas possíveis de sustentação do enlace escolar na travessia de uma pandemia, em meio a uma sociedade contemporânea que tem na subjetividade neoliberal seu ponto de ancoragem? Como acentua o sociólogo francês Christian Laval (2019), a abertura da escola para o neoliberalismo tem sido uma realidade nas sociedades atuais. A educação vai deixando de ser um bem comum e público, adquirindo o caráter de bem privado, uma mercadoria. Cada vez mais, a escola se estrutura em uma lógica de desempenho, impulsionando a competição e práticas individuais. Como, então, encontrar espaços para dar vazão às singularidades estudantis e a formas possíveis de sustentação de enlaces quando, nesse obscuro panorama de distanciamentos, a escola é transmutada para outra temporalidade? E perguntamos, ainda, de que forma é possível fazer ecoar as tessituras narrativas dos estudantes diante do real<sup>1</sup> imposto pelo vírus, reconhecendo-as em sua legitimidade de resistência singular e coletiva?

<sup>1</sup> Para Lacan (1988), o real é o registro psíquico que representa tudo o que é impossível de ser simbolizado pela palavra, pela linguagem, é o indizível que não cessa de não se inscrever. É aquele que não encontra representação e está mais próximo ao campo das pulsões. A pandemia, nesse sentido, pode ser compreendida, aqui, como o que fica fora da simbolização, como um real que precisa ser narrado, elaborado.

Estes foram alguns questionamentos que nos impulsionaram a pensar a experiência que aqui narramos, desenvolvida junto a estudantes do Ensino Médio de uma escola particular da região sul do Brasil. Para abertura narrativa, inspiramo-nos na epígrafe da escritora brasileira Clarice Lispector (2020), na medida em que compreendemos este ato como um esforço coletivo para encontrar possíveis traduções em linguagem da desafiadora e complexa experiência de narrar a pandemia de Covid-19 no ano de 2020, buscando enlaces possíveis diante do impossível<sup>2</sup>. Este é, portanto, um esforço de criação das verdades singulares, sempre abertas e provisórias, que seguem ainda atravessando cada um e cada uma de nós, professoras, professores, estudantes, escola, pessoas, seres humanos. Procuramos, com isso, evidenciar a narrativa como uma forma de insistência no diálogo e na construção de coletivos que se apoiem e se sustentem, mesmo à distância. Eis aí um dos desafios desse histórico momento: sustentar o ato de se fazer presente, mesmo distanciados socialmente.

A ação aqui narrada partiu de uma demanda da coordenação da escola de Ensino Médio no mês de setembro de 2020, com vistas necessidade da equipe diretiva de promover, mesmo remotamente, uma maior integração, escuta e partilha dos estudantes das turmas de primeira, segunda e terceira série sobre o tempo de pandemia, uma vez em que a ideia de um possível retorno presencial estava fora de cogitação, diante do complexo e caótico quadro pandêmico nacional. A partir desse intuito, a demanda foi proposta à uma ONG que trabalha com educação para paz e direitos humanos, também localizada na região sul do Brasil, da qual a professora da escola e coautora deste relato faz parte.

A proposta se estendeu à mais duas educadoras pertencentes à referida ONG, que igualmente contribuem para tecer o relato desta experiência. É com base nesse pano de fundo, portanto, que partiu a atividade desenvolvida com a escola, que teve por objetivo principal compartilhar experiências de vida sobre a saúde mental no contexto de pandemia, criando um espaço de diálogo por meio das percepções, experiências e reflexões de cada turma e cada estudante em sua singularidade, buscando olhares de alteridade, reconhecimento e legitimidade das narrativas, priorizando a resistência coletiva e a sustentação dos enlaces escolares.

## **Em busca da legitimidade narrativa: o método das rodas de conversa**

Considerando a importância de criação de um espaço a priorizar o diálogo e a abertura para fala, a atividade foi estruturada por meio da metodologia das Rodas de Conversa, compreendendo a narrativa como uma dimensão formativa de elaboração da experiência na perspectiva de Delory-Momberger (2014). Segundo a autora, a narrativa estabelece uma reflexão sobre o agir e o pensar humano mediante figuras orientadas e articuladas no tempo, que vão organizando e construindo a experiência por meio da singularidade das construções próprias do sujeito. Assim, buscando construir as experiências singulares de cada estudante enlaçadas às coletivas, as Rodas de Conversa se sustentaram pela perspectiva do educador Carlos Rodrigues Brandão (2019, p. 33) que compreende a dimensão do “viver-com” como uma aventura que se dá em movimentos de abertura ao mundo do outro, povoado por um contínuo e interminável mútuo mistério “em nós, entre nós e através de nós”. Para o autor, o encontro legítimo com o outro compõe reconhecê-lo enquanto enigma “que chega a Mim desde um encontro-com-um-Outro, em direção a um reencontro-comigo-mesmo”, pressupondo uma transformação. Nesse sentido, buscamos colocar em evidência a aventura do encontro coletivo, que envolve a alteridade do outro e de si mesmo, ressaltando o mistério de (re)aprender a escutar nas entrelinhas das entre-telas das plataformas digitais, em meio a imagens-fotografias-câmeras que colocam em questão a presença-ausência do estar, não-estar, saber, não-saber.

Como saber se o outro nos escuta e se, igualmente, o escutamos? Como saber se, de fato, ali

---

2 Recuperamos a noção do impossível em Safatle (2019, p. 35-36), que o situa como o regime da existência daquilo que não poderia se apresentar no interior da situação em que estamos, muito embora não deixe de produzir algum tipo de efeito. Para o autor, é justamente pelos efeitos do impossível que se pode, então, produzir algo novo, um para-além. Nas palavras do autor “o impossível é o lugar para onde não cansamos de andar, mais de uma vez, quando queremos mudar de situação. Tudo o que realmente amamos foi um dia impossível”

estamos, nós? É nesse sentido que a atividade se localiza, na busca por atravessar as adversidades da comunicação no contexto de pandemia em busca da produção de movimentos de abertura de si mesmo e ao outro. Assim, através da tematização do tempo de pandemia, embasamo-nos em perguntas problematizadoras para circulação do diálogo, pois compreendemos que o ato de indagar pressupõe uma abertura, um intervalo, tal como propõe Lacan (1988) ao colocar em questão a posição que faz advir o sujeito. Ao deixar aberto um dado enunciado, se criam, entre uma enunciação e outra, entre um significante e outro, intervalos de tempo que posicionam o sujeito a colocar algo de si, a falar e fazer emergir um tanto de si mesmo. É, portanto, com o intuito de fazer imergir transformações coletivas e singulares pela temporalidade dialogal tecida por meio de narrativas de vida que as Rodas de Conversa se desdobram, compondo dois momentos, a saber: uma apresentação inicial e uma reflexão partilhada.

A acolhida inicial deu-se através do convite para apresentação coletiva, problematizando a dimensão do cuidado. Compreendemos que fazer imergir a saúde mental é também singularizar as múltiplas expressões de cuidado que cada um possui em relação a si mesmo, ao outro e à vida, principalmente no que diz respeito à sensação de indeterminação provocada pela experiência da pandemia. Para tanto, propusemos a partilha da seguinte acolhida: “Eu sou... Falo de... Para mim, cuidado hoje é...”. Em seguida, propusemos o momento de reflexão coletiva fundamentado em diferentes linguagens, sejam elas figuras, fotografias e diferentes expressões artísticas que elucidassem caminhos em direção ao imaginário como criação e a possibilidades de (re)criação de sentidos. A situação de pandemia foi problematizada inicialmente a partir das seguintes temáticas: o esvaziamento das ruas em março de 2020; a nova realidade das plataformas digitais e a comunicação entre-telas; a proximidade e o distanciamento social, reconfigurando a dimensão do “estar-com”; a individualidade e sua relação com a saúde física e mental; o universo singular do “fique em casa” e seus desdobramentos; o paradoxo do tempo, a partir da ideia grega de *cronos* e *kairós*; a metáfora da máscara como proteção e, também, como ocultação; caminhos possíveis para um “viver comum” em meio a pandemia.

O método proposto objetivou produzir a abertura de espaços de diálogo a fim de emergir as particularidades e a singularidade de cada turma das primeiras, segundas e terceiras séries do Ensino Médio. Procuramos reflexionar acerca do que têm sido possível de visualizar, compreender, vivenciar, falar e reconhecer nesses tempos, explorando caminhos comuns de resistência. O desenvolvimento das Rodas de Conversa se deu a partir do convite enviado pela coordenação da escola aos estudantes, em datas pré-estabelecidas, a ocorrerem durante o mês de outubro de 2020, através da plataforma virtual do Google Meet, com a disponibilização de um link de acesso único para cada uma das nove turmas de Ensino Médio, sendo três turmas correspondentes a cada série.

Cabe salientar que uma das Rodas de Conversa propostas não foi possível de ser realizada por motivo de luto oficial da instituição em razão da Covid-19. Tal evento sinalizou a nós a emergência da construção de espaços de reflexão sobre os impactos da doença, a fim de nomear e atribuir sentidos ao que testemunhamos não apenas em termos de Brasil e de mundo, mas, sobretudo, ao que acompanhamos em nossas cidades e ambientes mais íntimos, na medida em que a pandemia da Covid-19 fez e faz vivenciar a potencial iminência da doença nos grupos mais próximos de contato. Sendo assim, ao longo do mês de outubro de 2020, foram desenvolvidos oito encontros com duração aproximada de uma hora e meia com os estudantes. Cada Roda de Conversa contou com a participação aproximada de quinze estudantes por turma, totalizando, em média, a presença de 120 estudantes ao longo do percurso de realização da ação.

## **O percurso das narrativas: construindo caminhos de resistência**

Atravessar o percurso de realização das Rodas de Conversa foi um tempo marcado por dúvidas, receios, aprendizados, crescimento e amadurecimentos. Tanto em relação a nós, enquanto facilitadoras de uma travessia que se daria exclusivamente na virtualidade de uma plataforma online, tanto para os estudantes, convidados a falar de si e de suas experiências de vida sobre um tempo que ainda estava em aberto e sem respostas palpáveis, sem um horizonte de futuro mais estável. Soma-se a isso, também, os desafios de comunicar-se mediante uma experiência

bidimensional produzida pelo par “imagem-som”. Em meio a telas de computadores e celulares, a dimensão da profundidade é ocultada não apenas como uma categoria de medida, mas como a evidência daquilo que está “para-além” do aparente, ou seja, a pluralidade de sentidos, texturas, formas, cheiros, cores, estímulos, isto é, àquilo que compõe a experiência da vida e da existência como um todo.

No entanto, a experiência das Rodas de Conversa enquanto um lugar de reconhecimento dos afetos, sentimentos, sensações, angústias, medos, sofrimentos, incertezas e esperanças que cada uma e cada um vivenciou nessa nova realidade que nos foi imposta colocou em relevo a potência e importância de espaços como esse. Vivenciar este processo de escuta e diálogo trouxe significação às percepções, associações e sentidos que foram sendo narrados e criados individual e coletivamente, dando voz e luz à singularidade das experiências dos estudantes, abrindo frestas para enxergar na escuridão de tempos sombrios. A utopia, ou seja, a força capaz de produzir rasuras a esburacar o tempo, pode também ser considerada como a potência que vai em busca de ares mais frescos para circular sobre os discursos. Dessa forma, assim como propõe pensar Edson Sousa (SOUSA, 2021, p. 123), as sombras, os espaços vazios e os silêncios são fundamentais para captarmos a presença luminosa das coisas, a funcionar como “ventríloquos das ficções que podemos construir de nós mesmos”.

O diálogo tecido foi iluminado pela linguagem das imagens, pelos sons, pela imaginação, pelas criações e associações particulares, cujo enlace foi sendo feito pelas partilhas das perguntas problematizadoras, que ora eram narradas oralmente, ora eram relatadas pelo recurso da escrita. Assim, as experiências individuais foram sendo costuradas às coletivas, em meio a concordâncias, discordâncias, questões acrescidas. Nesse movimento de trocas, transpareciam-se percepções, sentimentos e sentidos possíveis ante as múltiplas necessidades exprimidas por este tempo de pandemia aberto e sem respostas.

Percebemos o diálogo como uma necessidade de existência e resistência a tudo que estamos vivendo. Tal como aponta Benjamin (1987), a experiência de narrar sempre pressupõe um ouvinte, alguém que escuta e faz eco àquilo que é comunicado, sendo o ato de contar histórias uma forma artesanal de produção de sentidos que são manual e lentamente tecidos no tempo e no espaço da experiência. Assim, a socialização do vivido tornou-se um caminho possível para encontrarmos significações diante do impossível do real, buscando reconstruir, reformular e ressignificar, com os outros, aquilo que inquietava e fazia emergir ante a realidade. Tendo em vista tais ponderações, à luz do viés poético-metafórico de Clarice Lispector (2020), elucidamos as narrativas dos estudantes como uma forma possível de tradução de um tempo desconhecido para uma língua que também ainda para nós era desconhecida, a fim de reconstituir a singularidade das verdades produzidas por cada estudante e pelos coletivos criados no espaço-tempo das Rodas de Conversa.

## **A significação do cuidado: a interdependência de uns para com os outros**

Trazer à tona a perspectiva do cuidado elucidou sentidos e percepções cujo ponto de enlace esteve na interdependência entre o si mesmo e o outro. Para alguns estudantes, o cuidado foi sendo partilhado em relação ao olhar sobre si (manifestado pela procura em saber lidar com as situações), em parar para se ver, sentir, escutar-se (“falar, comunicar-se”). A noção de cuidado vinculado ao autoconhecimento circundou as narrativas por meio da busca por “se conectar com o nosso interior”, compreender a si mesmo, se permitir, amar a si, aceitar os ciclos, “não se reprimir, porque isso é se autossabotar”. Em outras falas, o cuidado foi relacionado com a ideia do medo: “com medo, a gente se cuida” ou “é preciso temer para cuidar”, associando o cuidado ao sentido do risco e da iminência da perda como sinais de alerta para mobilizar a “proteção” e a “segurança”, palavras que também foram associadas ao cuidado. Tais perspectivas fazem ecoar os sentidos que a pandemia produz ante a possibilidade da perda, do risco, da ideia do “não-saber”, tão fortemente presentes no contexto pandêmico.

A dimensão dos excessos e cansaços em um sentido amplo também se fizeram presentes durante as partilhas, na medida em que o cuidado foi sendo significado pela procura em não se

costrar, em não se desesperar, não desmoronar, ser resiliente, ter calma, se precaver, descontraír, aliviar, “saber que temos, podemos e precisamos descansar”, assim como “cuidar é poder falar sobre as coisas, temos esse direito”. A dimensão do “outro” nas narrativas esteve presente na busca por “lembrar-se da pessoa” e a importância em ser lembrado. Querer o bem do outro, se importar com seus sentimentos, ser um ombro amigo, “se disponibilizar para ajudar”, “demonstrar que ouve a pessoa”, assim como “ouvir, mas saber escutar para além do que a pessoa fala, ir mais a fundo nos sentimentos dos outros para se colocar no lugar deles” foram significações que costumam a perspectiva da interdependência que nos constitui enquanto seres sociais e culturais, assim como a busca por laços sólidos e duradouros, diante da ameaça de desenlace decorrido da pandemia. Como, portanto, sustentar os enlaces, diante de sua impossibilidade? Os reflexos sobre os modos de se relacionar na atualidade foram partilhados por narrativas como “é preciso ouvir, pois estamos em um tempo onde as pessoas ficaram egoístas, a gente tem que se ajudar”. Além disso, percebemos o impacto do distanciamento social em razão da pandemia em narrativas que traduziram a procura por fazer-se presente no cotidiano das pessoas e “ver se a pessoa está bem, mesmo de longe”.

Percebemos que em algumas partilhas, as narrativas indicaram reivindicações diante das diversas impossibilidades com que os estudantes se depararam em seu cotidiano de vida, manifestando seus descontentamentos, suas queixas, suas indignações e inquietações ante aquilo que os diálogos lhes faziam evocar de suas memórias e experiências. Alguns estudantes evidenciaram falas como “nunca parei para pensar sobre isso” ou “nunca prestei atenção”, tornando-se, as Rodas de Conversa, um espaço significativo para elucidar sentidos que, ao serem narrados individualmente, foram produzindo aberturas para ecoar e significar a experiência coletiva. Tal como refere Delory-Momberger (2012), a abertura e validação das narrativas rememora a compreensão sobre si mesmo em um vínculo de co-elaboração de si e do mundo social, sendo esse, portanto, um ato formativo.

## **Enlaces e significações das vivências individuais e coletivas em meio à pandemia**

Ao indagarmos sobre as percepções dos estudantes em relação às medidas de distanciamento social adotadas em março de 2020 pela intercorrência da pandemia, muitas questões foram sendo abertas na roda de partilhas. As mobilizações partiram de fotografias que evidenciavam cidades brasileiras ausentes da circulação de pessoas. Ao serem questionados sobre as percepções em relação às fotografias e memórias do momento vivido, emergiram palavras como: choque, angústia, nervosismo, estranheza, desespero, ansiedade, solidão, tristeza e impotência. Aos poucos, essas palavras foram sendo significadas por meio de narrativas que colocaram em evidência as múltiplas inquietações diante das ausências advindas da pandemia, assim como nas seguintes falas: “parecia um filme apocalíptico, não gostei de não ver ninguém”, ou “me sinto sem esperança, não sei bem o que sentir”. Em relação às medidas de segurança e prevenção adotadas, alguns estudantes demonstraram o incômodo perante o não cumprimento do distanciamento social e uso de máscaras de proteção por parte da população, tal como revela a seguinte narrativa: “me incomoda ver as pessoas desrespeitando, me sinto chateada”, ou “é muito ruim a gente não poder sair e ver os outros fazendo isso”. Outras narrativas também trouxeram a ideia da revolta ante as inúmeras privações que emergiram devido à pandemia e sua sensação de imobilidade.

A perspectiva do “não poder sair” foi rememorada em diversas narrativas, trazendo à tona uma sensação de aprisionamento sobremaneira diante do abrupto afastamento dos coletivos de pertencimento que até então eram representados pela escola, pelos grupos de pares e pelos grupos de convívio social de forma ampla. Tal afastamento social inesperado, seguido pela súbita aproximação para com a intimidade que representou a deliberação do “fique em casa”, visibilizou a dimensão do familiar, do pessoal e do contato consigo mesmo. Narrativas como “no começo foi bom ficar em família, nunca tínhamos este tempo para estarmos juntos, mas agora eu fico sozinho” ou “nossos pais estão saindo para ir trabalhar e nós precisamos ficar em casa” foram nos fazendo imergir em reflexões que descortinaram as singularidades e fragilidades que, muito embora a pandemia possa, em certa medida, as ter escancarado, são pouco refletidas, pensadas, significadas

e nomeadas nos espaços de convívio das sociedades atuais.

Han (2017) compreende que a negatividade das sociedades contemporâneas – aqui concebida como o erro, a falha, a imperfeição, o equívoco, o deslize, o inacabamento, as lacunas, as rasuras, etc. – é negligenciada e reorientada por discursos hegemônicos que enfatizam o bom desempenho, a produtividade, o bom rendimento, a boa aparência, a plena felicidade, a falha zero, etc. Esse excesso do que o autor delimita como “positividade” produz um cansaço solitário que atua individualizando e isolando o sujeito, destruindo a possibilidade de tornar públicas experiências como a da dor e do sofrimento, que, para Viviane Mosé (2018, p. 100) fazem parte da complexa dinâmica da vida: “a dor é própria da vida, não tem como eliminá-la completamente, especialmente a dor psíquica, a dor de existir, de ter que fazer escolhas, lidar com as perdas, com o erro, com a morte”.

Nesse sentido, as Rodas de Conversa são também uma representação de espaços de acolhida da negatividade no sentido salientado por Han (2017) e Mosé (2018), permitindo a abertura de fendas de pensamento ante os excessos de positividade imergidos sobremaneira nas sociedades contemporâneas, abrindo e fazendo circular sentidos possíveis às singularidades compartilhadas. Assim, juntos imergimos ante narrativas que colocaram em evidência os múltiplos transbordamentos representados pelo espaço do quarto e da casa, que se tornaram cada vez mais pequenos e restritos diante da intensidade do vivido e das brigas e desentendimentos daí decorrentes. Adentramos também em narrativas que trouxeram os excessos e deficiências/privações de ordem alimentar e relacionadas ao sono, manifestando no corpo reações psíquicas como estresse, ansiedade e tristeza: “durmo demais, difícil controlar a ansiedade”, “não tenho vontade de comer”. Jogos de videogame e computador foram narrados como representantes de uma busca por “alívio” ou “escape” diante da “insuportável” e “enlouquecedora” vivência da realidade, tal como foi mencionado nas falas dos estudantes. O uso de aparelhos eletrônicos também evidenciou os paradoxos com relação ao excesso de uso: “o celular já é uma parte do corpo, dá a impressão de que se desligar ele, a gente morre”.

Também mergulhamos frente às ausências familiares, ausências de escuta e de sensação de incompreensão diante das diversas conflitivas enunciadas, acrescidas, alargadas e potencializadas pelos efeitos da imposição do distanciamento físico em relação aos laços de amizade, de proximidade. Tal questão coloca em evidência a particular distinção entre conversas pontuais e virtuais de relações sustentadas pela presença física, que confere, em tese, maior sensação de solidez aos laços sociais. Narrativas como “me senti presa ao lugar que tenho que estudar”, ou “estou numa crise de identidade, tenho me questionado muito sobre quem eu sou”, assim como a sensação de solidão evocada por narrativas como “parece que a gente está sozinho nisso tudo” falam também dos inúmeros silenciamentos diante da “confusão mental” de um tempo ainda não elaborado. Essas expressões trazem à luz as repercussões do ato de deparar-se com o íntimo e a complexidade decorrente desse “encontro”, em meio a uma pandemia que delimitou o corte simbólico das representações que até então eram sustentadas para legitimar a interdependência que nos constitui enquanto seres humanos.

Em meio a isso, as partilhas nas Rodas de Conversa também evidenciaram o cansaço advindo da sensação de repetição de um tempo que, por parecer que “todo dia é igual”, não produz, mas apenas reproduz rotinas, hábitos, rituais, tarefas, atividades, aulas, deveres, obrigações, responsabilidades. Essa dimensão do cansaço ante o excesso de reprodução cotidiana foi narrada pelos estudantes durante as partilhas, tais como “eu passo só estudando, não percebi as coisas, eu estava mal e não fazia ideia” ou “eu nem sei porquê, mas tenho me sentido tão cansada” e, ainda, “parece que a vida tá vazia, mas nós estamos cheios”. Cabe aqui reflexionarmos diante da sensação de esvaziamento da vida pelo paradoxal excesso de protocolos que limitam e/ou impedem a produção de sentidos, em meio a um tempo que parece “escorrer”, se perder e, ao mesmo tempo, evocar narrativas como “não posso perder tempo”. Assim, em face de enunciados como “esse foi um ano que não foi nada do que a gente esperava” ou “foi uma quebra de tudo o que poderia ter sido vivido”, fica notória a sensação de inércia e letargia perante a falta de alcance para produzir, criar, imaginar, inventar e tecer a continuidade da própria existência de forma aberta, espontânea e contínua.

Tais apontamentos se somaram à sensação de cobrança e pressão despertada pelo cotidiano,

sobretudo, escolar. Seja pela via externa (da família, da escola e da própria comparação com os pares), seja pela via interna (de si mesmos sobre seu desempenho). Algumas falas traduziram o emudecimento diante dos diversos excessos mobilizados pelas rotinas de vida, assim como “eu me calo quando tô cansada, não consigo pensar” ou “deixei de me cuidar, me sobrecarreguei muito”, “fiquei muito pior, senti no corpo o estresse das provas e atividades”, “ansiedade tá demais, é difícil controlar” e “o que vão pensar se eu não for bem?”. Outras partilhas também colocaram em relevo algumas particularidades de estudantes que culminaram na busca por auxílio psicológico e/ou psiquiátrico no curso da pandemia, sinalizando o que Han (2017) evoca como o esgotamento excessivo de sociedades ativas, elevado pelos excessos advindos da vivência pandêmica.

Para tanto, enunciados como “sinto muita falta de tudo, isso tudo faz pensar muito e sentir muito” vão costurando as angústias desse tempo, que metaforicamente “esburacou” as fragilidades constitutivas diante de “um tempo que (se) perdeu” para os excessos de demandas, de ausências, de perdas reais e simbólicas. Dessa forma, percorremos potenciais rotas para traduzir as maneiras pelas quais cada estudante foi lidando com os efeitos da pandemia em sua saúde física e mental. Uma dessas alternativas foi o uso das redes sociais para seguir sustentando os laços sociais, familiares e de amizade, mesmo distanciados socialmente. Outra alternativa narrada pelos estudantes foi a importância do (auto)cuidado e da busca por um olhar “mais carinhoso” em relação a si mesmo, acolhendo e validando seus sentimentos. A busca por “respirar, relaxar, ficar ao ar livre, se olhar, se cuidar”, também foi evocada em narrativas de estudantes que buscaram ficar mais próximos da natureza, fazer exercícios físicos, cozinhar, ler livros e assistir séries de seu gosto. Outros estudantes também revelaram que passaram a redimensionar o tempo de pandemia como uma abertura para refletir-se e buscar equilíbrio tanto físico como mental: “comecei a pensar mais em mim”.

Cabe destacar, ainda, as travessias singulares percorridas pelas primeiras, segundas e terceiras séries do Ensino Médio ao longo da realização das Rodas de Conversa. Fomos conhecendo e visibilizando as maneiras singulares com que cada turma e cada série foi encontrando para transpor os desafios do cotidiano, das rotinas e das experiências escolares de forma geral. Nas turmas da primeira série, os estudantes evidenciaram as frustrações advindas pela saída do Ensino Fundamental e entrada no Ensino Médio. Em meio aos diálogos, falaram sobre as expectativas frustradas de ingressar em uma nova escola que trouxe novas experiências e novas relações, abruptamente interrompidas, com o advento das aulas remotas e do consequente desafio de conviver e aprender em condições até então pouco exploradas. Nas segundas séries, os estudantes narraram suas experiências em meio ao acúmulo de demandas quanto aos conteúdos escolares, às cobranças relacionadas às atividades e aulas remotas, assim como a necessidade de (re)organização das responsabilidades e da autonomia que passaram a adquirir ao longo do ano. Também evidenciaram um olhar crítico para o atual contexto de pandemia, traduzindo sua implicação com a realidade, bem como suas indignações e revoltas em termos sociais, políticos, econômicos, etc.

As narrativas partilhadas pelas turmas da terceira série trouxeram uma evidente frustração com relação à conclusão do Ensino Médio de forma remota e a consequente impossibilidade de passagem pelos ritos presenciais que auxiliam a elaborar a perda da partida da educação básica rumo ao mundo adulto. Suas falas trouxeram à tona múltiplas ansiedades com relação aos vestibulares, provas, estudos e o acentuado sofrimento psíquico frente às inseguranças e pressões externas e internas de um tempo de indeterminações que impossibilita ver “luz no fim do túnel”, tal como foi partilhado. Assim, fomos juntas e juntos demarcando os impasses diante das tentativas de elaboração de um tempo e de um futuro tão incerto e fragmentado quanto este apresentado pela pandemia.

## **Considerações para tecer caminhos (im)possíveis**

Compreendemos como uma tarefa desafiadora a tentativa de tradução dos significados e implicações da escuta, diálogo e partilha com os estudantes quando ainda tentamos encontrar meios possíveis e saudáveis para seguir vivendo em meio às ausências, privações e indeterminações decorrentes da pandemia da Covid-19. Esse tempo reconfigurou a maneira pelas quais vivemos em sociedade e, mais do que tudo, reconfigurou as relações sociais.



Em meio a esse cenário, as Rodas de Conversa representaram a busca pela elaboração das distintas frustrações, desapontamentos e alternativas individuais e coletivas ante a perda do “fio condutor” que enlaça o si mesmo, o outro e o devir nas múltiplas “teias da vida” que ecoam para além do “familiar” e do “próximo”: ressoam em direção aos enlaces e desenlaces com o estranho, o desconhecido e o conhecido que, tal como enuncia Freud (1975), sempre pressupõe uma fronteira indeterminada. Dessa maneira, tanto o familiar como o estranho são marcados pelo signo da ambivalência, sendo contrários e equivalentes. São, portanto, travessias que apontam para a familiaridade e a sensação de estrangeirismo, em meio às costuras possíveis de tempos complexos, obscuros e devastados.

Assim, através da presença e participação dos estudantes, constituíram-se espaços de cumplicidade, sendo perceptível a necessidade de falar sobre o atual momento de vida. Tais partilhas evidenciaram o enlace da singularidade à coletividade, na medida em que os silêncios, as dores, os lutos, as inseguranças, os sofrimentos, as incertezas e ansiedades com relação ao tempo do atual e do amanhã foram sendo enlaçados às experiências coletivas pela arte de partilhar a palavra e a escuta. Compreendemos, para tanto, que seguir na realização de atividades e propostas que possam mobilizar narrativas e sentidos sobre a saúde mental diante dos contextos emergentes, durante e mesmo após a pandemia, torna-se uma significativa fonte de cultivo do cuidado e da legitimidade do ato de pertencer aos espaços de convívio social.

Salientamos, à vista disso, que fomentar pensamentos, reflexões, significações e olhares de alteridade por meio da confiança e da arte que pressupõem as práticas narrativas é uma possibilidade de reinvenção da sensibilidade e de espaços de zelo e atenção não apenas à saúde mental e coletiva, com da vida humana, da humanização. Destacamos, portanto, a legitimidade da narrativa como um movimento de fazer história em atos criativos de vida, reconhecendo-a como um direito humano de resistência.

## Referências

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A aventura do encontro: escritos sobre o Outro e Eu**. Curitiba: CRV, 2019. v. 3.

CALAZANS, Roberto; MATOZINHO, Christiane. **Pandemia e neoliberalismo: a melancolia contra o novo normal**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975. [Obras Completas, v. XVII].

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2ª. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** 1ª. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MOSÉ, Viviane. **Nietzche hoje**: sobre os desafios da vida contemporânea. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SOUSA, Edson Luis André de. A melodia das coisas - diálogos possíveis entre Evgen Bavcar e Oscar Muñoz. In: SLAVUTZKY, Abrão; SOUSA, Edson Luis André de. **Imaginar o amanhã**: ensaios e crônicas. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2021.

Recebido em 01 de maio de 2022.

Aceito em 22 de junho de 2022.